

BX. DE QUINTAS

PMS FMS

BIBLIOTECAS

Jornal

A Tarde

Data

12/12/196

Caderno

12

Página

6

Seção

Assunto

Bairro

SEU BAIRRO

Quintas, uma área de muitos contrastes

Ninguém em Quintas acredita em assombração. Conviver com a morte – são cinco cemitérios, a maior concentração do gênero na cidade – é algo banal e corriqueiro. Seria até uma moradia perfeita se não fossem alguns detalhes: queima de ossos no cemitério, à noite, provocando rinite e outros processos alérgicos em vários moradores, o caminhão do Nina Rodrigues que espalhando um mau cheiro insuportável a caminho para o cemitério, e os feitiços jogados na ladeira. Encravado entre os Dois Leões, Estrada da Rainha, Cidade Nova e Caixa D'Água, o bairro de Quintas, ou Baixa de Quintas, tem raízes históricas e herdou o nome da Quinta do Tanque, ex-morada dos jesuítas e ex-leprosário, onde hoje funciona o arquivo público. É um lugar tranquilo, bem servido de ônibus e perto de tudo, onde as pessoas gostam de morar, apesar dos problemas, como os alagamentos em dias de chuva.

Maria de Fátima Dannemann

Nascimento e morte. Risos e choros. Alegrias e tristezas. A Baixa de Quintas é um bairro de contrastes. Maternidade de um lado, cemitério de outro. No alto de uma colina, com vistas para o Matatu (no morro em frente) e a Avenida Barros Reis, encontra-se a maior concentração de cemitérios da cidade. Cinco ao todo. O maior deles, o das Quintas dos Lázaros, é o que recebe não só os mortos de menor poder aquisitivo, como defuntos anônimos. Corpos não-reclamados, depois de semanas no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, são levados e deixados no cemitério. Neste percurso, o congelamento não resiste ao calor e o caldo resultante derrama pela rua espalhando um forte mau cheiro.

Ninguém agüenta e as pessoas que vão acompanhar enterros ou velórios têm que proteger o rosto com lenços ou flanelas, para tentar melhorar a si-

tuação. "A assombração daqui é essa infelicidade do carro do Nina, e não está pior porque nós jogamos detergente aí na ladeira", diz Edson Silva, um dos vendedores de flores da pracinha onde ficam os portões de acesso aos cinco cemitérios: Quinta dos Lázaros, Ordem Terceira do Carmo, Ordem Terceira de São Francisco, Ordem Terceira dos Padres e o Cemitério Israelita. O diácono Alberto, que atende no cemitério, diz que o problema não é constante, mas acontece. "São corpos de afogados que demonstram muito na geladeira. Não deveriam demorar tanto para trazê-los".

Peças de automóveis

O cheiro dos defuntos chega até a Rua General Argolo, a porta de entrada da Baixa de Quintas para quem vem dos Dois Leões, onde se concentra um comércio de peças de automóveis e material de construção. Em lojas de nomes curiosos, como O

Lagartão, Baixa de Tintas, Carro Cheio, O mundo das Maçanetas, encontra-se de tudo: pneus, jantes, calotas, bancos, volantes, alavanca de marcha, freios e até maçanetas de porta. O comércio de autopeças é tão forte que até um shopping especializado no setor está sendo inaugurada nesta rua.

Os preços são bons, dizem as pessoas que compram, moram e trabalham no bairro da Baixa de Quintas. O movimento é grande e o resultado é que o trânsito na rua fica caótico em determinados momentos. Por ali passam os ônibus com destino ao IAPI, Cidade Nova, Caixa D'Água, Pau Miúdo, Liberdade e outros bairros, além dos cortejos fúnebres, carros do Nina Rodrigues, ambulâncias com destino à maternidade Tsylla Balbino, táxis, carros particulares e outros veículos que têm que enfrentar a falta de disciplina dos clientes das lojas que cortam a rua e obstruem as duas pistas, ao invés de seguir o fluxo do trânsito e fazer o retorno mais adiante.

Infra-estrutura

Não só os trabalhadores das lojas, como funcionários e pesquisadores do arquivo público, desde 1980 instalado na antiga Quinta da Fonte, um bonito prédio do século XVII onde morou, entre outros, o Padre Antônio Vieira, reclamam da infra-estrutura do bairro. Não há um restaurante de qualidade média. Nem mesmo um fast food onde se possa fazer um lanche melhorzinho. Como o bairro é bem popular, os restaurantes e botecos existentes se limitam a servir



Fotos: Antônio Saturnino

Encravado entre vários bairros, Quintas concentra o maior número de cemitérios de Salvador

PF (prato feito) ou comida mais forte. Falta também uma agência de correio. Isto atrapalha um pouco as atividades desenvolvidas no Arquivo Público do Estado, segundo a historiadora Antonieta Aguiar Nunes.

Outro problema que ela e moradores do bairro reclamam são os alagamentos constantes na temporada de chuva mais forte, em abril e maio de cada ano. "É um inconveniente. Quando chove, alaga tudo. É o velho caso: sempre alaga nos mesmos pontos da cidade. Todo mundo sabe

que isto acontece, mas ninguém nunca fez nada para resolver o problema e isto é uma inconveniência", diz Antonieta Nunes.

Várias ruas do bairro estão sujas e cheias de buracos. É o caso da Rua Freitas Henrique de Baixo. Lá, o lixo não é recolhido todos os dias e por conta disto algumas esquinas viram uma espécie de minicanabrava. As ruas do bairro ficam no sopé do morro, onde se situam Pau Miúdo e Caixa D'Água. A maioria não tem saída e as transversais das ruas

principais não passam de vielas, onde os carros não têm acesso: a largura não permite.

Os problemas, entretanto, não assustam nem afastam os moradores. Os pontos positivos ganham longe, afirmam. É um lugar onde ainda se vê crianças brincando na rua, vizinhos conversando na calçada. Todo mundo se conhece desde a infância. "Temos a facilidade de ter ônibus para qualquer bairro", diz Lázaro Vinícius, "e várias escolas boas nas redondezas".

Fumaça da queima de ossos incomoda

Inaugurada na década de 50, a Maternidade Tsylla Balbino, na principal rua de Quintas, que tem o mesmo nome do bairro, é unidade de referência no setor e uma das mais procuradas na cidade. Mas, não é o intenso vai-e-vem de ambulância, táxis e carros com pacientes para a maternidade que tumultuam a pacata vida do bairro que, em muitos aspectos, se assemelha a uma cidade do interior. São os problemas do cemitério: o mau cheiro exalado do caldo de defunto, como

vendedores de flores, marmoristas e moradores da Rua Quinta dos Lázaros chamam o resíduo que os corpos não-reclamados vão deixando no caminho do cemitério e a fumaça da queima dos ossos.

Até nas ruas mais distantes do cemitério a fumaça vem causando sérios problemas de saúde. Tudo acontece na calada da noite, quando o cemitério está vazio, uma vez que os velórios noturnos foram suspensos por uma total falta de segurança. "De noite aqui não se

vê um pé de gente e os malandros ficam rondando o cemitério. Não é como o Campo Santo que está cheio de seguranças com cachorros, não. É ao Deus-dará e cada um que se salve", diz o vendedor Américo da Palma Silva.

Morador da Rua Freitas Henrique de Baixo, Lázaro Vinícius, estudante, é um dos que sofrem com a fumaceira. "Quando eles queimam os ossos, tudo fica empestiado de fumaça e minha rinite alérgica ataca logo".



sário, daí o nome Quinta dos Lázaros. Nos anos 20, a colônia foi transferida para Águas Claras e tudo ficou abandonado. O resultado disto é que as terras que pertenciam à quinta foram invadidas e surgiu o aglomerado de casas atuais. Somente no década de 70 é que a Quinta do Tanque foi recuperada e desde

Construído em forma de U, o prédio do Arquivo Público do Estado é um belo exemplar da arquitetura colonial

1980 abriga o arquivo do estado.

Fumaça da queima de ossos incomoda

Inaugurada na década de 50, a Maternidade Tsylla Balbino, na principal rua de Quintas, que tem o mesmo nome do bairro, é unidade de referência no setor e uma das mais procuradas na cidade. Mas, não é o intenso vai-e-vem de ambulância, táxis e carros com pacientes para a maternidade que tumultuam a pacata vida do bairro que, em muitos aspectos, se assemelha a uma cidade do interior. São os problemas do cemitério: o mau cheiro exalado do caldo de defunto, como

vendedores de flores, marmoristas e moradores da Rua Quinta dos Lázaros chamam o resíduo que os corpos não-reclamados vão deixando no caminho do cemitério e a fumaça da queima dos ossos.

Até nas ruas mais distantes do cemitério a fumaça vem causando sérios problemas de saúde. Tudo acontece na calada da noite, quando o cemitério está vazio, uma vez que os velórios noturnos foram suspensos por uma total falta de segurança. “De noite, aqui, não se

vê um pé de gente e os malandros ficam rondando o cemitério. Não é como o Campo Santo que está cheio de seguranças com cachorros, não. É ao Deus-dará e cada um que se salve”, diz o vendedor Américo da Palma Silva.

Morador da Rua Freitas Henrique de Baixo, Lázaro Vinícius, estudante, é um dos que sofrem com a fumaça. “Quando eles queimam os ossos, tudo fica empestiado de fumaça e minha rinite alérgica ataca logo”, diz o rapaz. Até no morro em frente ao cemitério, ainda parte do bairro, mas já nas vizinhanças da Caixa D’Água, os moradores sofrem com a fumaça. É preciso ligar ventiladores, fechar a casa e mesmo assim a fumaça toma conta do lugar.

Quem mora na ladeira do cemitério sofre mais. Não só pelo cheiro do cemitério, como também devido aos bozós que colocam no pé da ladeira. Marina de Jesus Araujo diz que além da porcariada (até gato morto tinha no momento em que a reportagem de A TARDE esteve no bairro), fica um mau cheiro insuportável. “Eles vêm de noite e colocam os feitiços bem aí na minha porta. O pior é que a prefeitura não limpa e além da fedentina ainda temos que agüentar mosca, rato e outros bichos rondando nossa casa”.



Comerciantes e moradores criticam o mau cheiro que sai dos cemitérios



sário, daí o nome Quinta dos Lázaros. Nos anos 20, a colônia foi transferida para Águas Claras e tudo ficou abandonado. O resultado disto é que as terras que pertenciam à quinta

Construído em forma de U, o prédio do Arquivo Público do Estado é um belo exemplar da arquitetura colonial

foram invadidas e surgiu o aglomerado de casas atuais. Somente no década de 70 é que a Quinta do Tanque foi recuperada e desde

1980 abriga o arquivo do estado.

Hortas

Mais do que dar nome ao bairro, a Quinta do Tanque entrou para a história da cidade também por causa das hortas circunvizinhas. A professora Antonieta conta que era lá que as donas-de-casa não só compravam legumes e verduras como flores para a ornamentação. Na Estrada da Rainha, ainda existem vários remanescentes das hortas originais. No bairro de Quintas mesmo, já não existe nenhuma. A última delas foi transformada no espaço de show Quintas Point, que oferece shows musicais para os jovens das redondezas a preços populares.

Parte da história de Salvador

Muita gente não sabe, mas Quintas, Baixa de Quintas ou Quinta dos Lázaros é um dos bairros históricos da cidade. Tudo começou no século XVII, quando os jesuítas foram morar na Quinta do Tanque, um belo exemplar da arquitetura colonial, prédio construído em forma de U e seus dois andares ligados por escadarias externas, pintado de rosa e janelas de guilhotina verdes, com uma alameda de palmeiras imperiais e um jardim re-

pleto de margaridas, onde hoje está o centro da memória da Bahia: o Arquivo Público do Estado, para onde correm estudantes e pesquisadores de diversas partes.

Segundo a historiadora Antonieta Nunes, que trabalha no setor de pesquisa do arquivo, a quinta original, onde morou o Padre Antônio Vieira, era imensa. A casa era cercada de hortas, onde os padres tentaram plantar as espécies das Índias. Depois da expulsão dos jesuítas, o prédio se tornou lepro-